

Bird alerta para excesso de gastos com armas

Fábio Pahim Júnior enviado especial

Na sessão de abertura da 44ª assembléia anual conjunta Fundo Monetário Internacional—Banco Mundial (Bird), ontem, no hotel Sheraton, em Washington, o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, condenou a dívida externa excessiva, com altos juros reais, afirmando que ela emperra a administração econômica doméstica e internacional desde 1982. Delegações dos 152 países-membros do FMI, num total de mais de três mil pessoas, estavam no salão principal do hotel.

O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, também abordou o problema da dívida externa, mas sob um outro ângulo: fez um duro ataque aos excessivos gastos militares dos países do Terceiro Mundo, que ultrapassam US\$ 200 bilhões anuais. Segundo Conable, esses países precisam diminuir os gastos e investir o dinheiro em desenvolvimento, para erradicar a pobreza absoluta na década de 90. O presidente do Bird lembrou que os gastos militares superam as despesas

com saúde e educação somados e que agravam o endividamento externo. É que a dívida contraída para fins militares — destacou — representa um terço ou mais do serviço total da dívida externa dos maiores países em desenvolvimento.

Conable anunciou que o Bird emprestará US\$ 1,3 bilhão, nos próximos anos, para projetos ambientais independentes, além de triplicar as linhas para projetos florestais. Já Michel Camdessus recomendou três providências contra a dívida externa excessiva: medidas de ajuste econômico bem concebidas, aplicadas com decisão e perseverança; melhoria das condições econômicas externas; e fluxos adequados de financiamento. Camdessus criticou a demora na negociação entre os bancos e os devedores, mas desmentiu que o FMI admita atrasos nos pagamentos. “Os atrasos são muito perigosos e tentamos impedir que apareçam”, afirmou.

À tarde, falando em nome dos países latino-americanos, Es-

panha e Filipinas, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, traçou um quadro negro da economia da América Latina na década de 80: 1) dos 83 países em desenvolvimento, só 13, dos quais dois latino-americanos, foram considerados de alta performance para os critérios do FMI em 87/88; 2) a taxa de crescimento econômico prevista para 1989 é zero; 3) a renda per capita deverá cair de 3,5% entre 88 e 89; 4) os empréstimos bancários caíram de US\$ 55 bilhões em 1981 para menos US\$ 13 bilhões em 88, “em flagrante contradição com as expectativas geradas pelo Plano Baker em 1985”. O plano do atual secretário de Estado James Baker III previa US\$ 29 bilhões em dinheiro novo para os países endividados.

Nicholas Brady, secretário do Tesouro dos EUA e autor do plano de redução da dívida que leva seu nome, admitiu que ele não pode ser visto como “uma panacéia” e deve ser acompanhado de reformas internas pelos países beneficiados.